



SNBU 2025

XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 7 – Censura e Pós-Verdade

Negacionismo e argumentação: considerações a partir da experiência de uma ação de extensão

Denialism and argumentation: considerations from the experience of an outreach initiative

Bruno Graciosa – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –
bruno.graciosa@hotmail.com

José Cláudio Matos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –
jose.matos@udesc.br

Leonardo Ripoll – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) –
leonardo.ripoll@ufsc.br

Wangy Radtke dos Santos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –
wangy.rds@edu.udesc.br

Resumo: Discorre sobre o fenômeno do negacionismo, sob o ponto de vista dos métodos de argumentação, no contexto contemporâneo de desinformação disseminada nas redes digitais. Desenvolve o tema a partir da experiência obtida na realização de um minicurso de extensão promovido pelo programa Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação (CIDAD), iniciativa da Biblioteca Universitária da UFSC e do Departamento de Biblioteconomia da UDESC. O minicurso examina manobras argumentativas do negacionismo e propõe o fortalecimento dos estudos da retórica e a divulgação científica. Considera que o investimento na argumentação científica é fundamental para a promoção da integridade da informação.

Palavras-chave: Desinformação. Negacionismo. Retórica. Argumentação.

Abstract: This paper discusses the phenomenon of denialism from the perspective of argumentation methods, within the contemporary context of disinformation spread across digital networks. The discussion is based on the experience of a short outreach course promoted by the program Informational Reliability and Misinformation Combat (CIDAD), an initiative of the University Library at UFSC and the Department of Library





and Information Science at UDESC. The course examines argumentative strategies employed in denialism and proposes the strengthening of rhetorical studies and scientific communication. We consider that investing in scientific argumentation is essential for promoting information integrity.

Keywords: Misinformation. Denialism. Rhetoric. Argumentation.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da desinformação, em suas múltiplas formas, vem produzindo diversos efeitos negativos à sociedade, desde o enviesamento das discussões públicas em temas relevantes até a morte de indivíduos, nos casos de recusa do conhecimento científico estabelecido sobre vacinação e outros tratamentos. Em um relatório recente publicado pelo Fórum Econômico Mundial, a desinformação é apontada como o principal risco para a humanidade no futuro próximo (World Economic Forum *et al.*, 2025) e instituições como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Grupo de Economia Digital do G20 têm demonstrado preocupações que demandam ações para promover a “integridade da informação”, ou seja, a busca pelo desenvolvimento de um ambiente informacional sustentável e sadio (ONU, 2024; OECD, 2024; Brasil, 2024).

Entre as soluções apontadas para prevenir, remediar ou mitigar os efeitos da desinformação, estão as chamadas ações educativas, que investem no desmascaramento de mensagens desinformativas (*debunking*) e na prevenção contra o poder persuasivo das estratégias de desinformação (*prebunking*) com as quais as pessoas têm contato. O sucesso de tais iniciativas depende do conhecimento das técnicas de argumentação e persuasão utilizadas no discurso desinformativo.

No campo das ações educativas de combate à desinformação, se situa o programa de extensão Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação (CIDAD)¹. Trata-se de uma ação com natureza interinstitucional: o programa teve origem na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2018 e posteriormente, em 2021, foi formalizado também na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Todas as ações são planejadas, executadas e avaliadas em

¹ Informações completas sobre o programa podem ser acessadas pelo <https://cidad.bu.ufsc.br/>.



parceria entre as duas universidades, o que contribui para a qualidade e o alcance da iniciativa.

Em 2024, o CIDAD ofereceu a primeira edição do minicurso *online* “Negacionismo e Argumentação”. Esta atividade teve como objetivo introduzir as pessoas participantes na compreensão do fenômeno do negacionismo, a partir de suas estratégias argumentativas. Com base em conhecimentos introdutórios de lógica e retórica, associados a um exame da atitude científica, o curso procurou caracterizar o fenômeno do negacionismo, apresentando suas principais estratégias e os riscos de sua disseminação no ambiente de discussão pública.

O presente artigo descreve a experiência do curso e oferece algumas reflexões complementares sobre o tema do negacionismo, contribuindo para as possibilidades de ações para o seu combate.

2 ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO

Através do estudo de alguns textos fundamentais e da discussão de exemplos, o minicurso, composto por duas aulas, representa uma formação introdutória para a compreensão e análise do fenômeno do negacionismo, tendo por perspectiva o combate à desinformação de forma geral. A ação contou com 164 inscrições, de estudantes e profissionais de diversos campos, e certificou 43 participantes que concluíram a atividade. A bibliografia básica do curso contou com o capítulo *A arte refinada de detectar mentiras*, do livro *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro* (Sagan, 2006), o artigo *As cinco manobras de negação da ciência* (Dunning, 2019) e o artigo *O negacionismo não é uma forma de ceticismo* (Lemos; Cani, 2023).

Na primeira aula, intitulada de “Cientificidade, pseudociência e negação”, foi apresentado um entendimento da atividade científica como uma prática social de investigação e prova de explicações. Nesta etapa, discorreu-se sobre o treinamento da habilidade de realizar avaliações sobre verdade ou falsidade, e outros julgamentos de explicações e teorias pelos quais passam os cientistas em sua formação. Isso inclui destacar as condições necessárias para a confiabilidade do conhecimento, independentemente do julgamento pessoal e do “redemoinho de emoções” provocado



pela atual lógica de funcionamento das plataformas digitais. Tais condições se realizam por meio da confirmação das explicações em evidências e experimentação e pelo confronto de hipóteses, visando estabelecer a explicação mais plausível.

A capacidade de entendimento entre os membros da comunidade científica é essencial na construção do conhecimento: a clareza acerca dos termos de uma discussão é uma questão central da comunicação qualificada. Por isso, temas científicos precisam ser tratados com precisão e sem ambiguidade, especialmente os termos especializados. Entretanto, a ciência precisa de condições para manter a discussão em desenvolvimento, se retroalimentando para garantir sua constituição. Neste sentido, elencou-se algumas premissas básicas, com base na bibliografia do curso: a ciência, enquanto método de descoberta e explicação da realidade, fundamenta-se em hábitos intelectuais rigorosos. Seu processo cíclico engloba: (1) formulação clara de problemas, (2) enunciação e crítica de hipóteses, (3) comunicação de teorias plausíveis e (4) geração de novos questionamentos. A cientificidade, portanto, consolida-se como uma habilidade cognitiva construída e validada coletivamente – não apenas pelo rigor metodológico, mas pelo consenso da comunidade científica.

A partir da leitura do texto de Sagan (2006), discutiu-se um dos primeiros casos notórios de negacionismo. Trata-se da estratégia da indústria do cigarro, que procurou financiar a publicação de laudos científicos favoráveis ao uso do produto. Atualmente já desmascaradas, as ideias da campanha articulavam técnicas sofisticadas de persuasão. Sagan (2006, p. 217) afirma:

A Healthy Building International é uma organização lucrativa, que recebe há anos milhões de dólares da indústria do fumo. Ela realiza pesquisas sobre fumo passivo, e presta declarações para as companhias de tabaco. Em 1994, três de seus técnicos reclamaram que altos executivos teriam falsificado dados sobre partículas de cigarro inaláveis no ar. Em todos os casos, os dados inventados ou “corrigidos” faziam a fumaça de cigarro parecer mais segura do que as medições dos técnicos haviam indicado.

A argumentação de Sagan, em meados dos anos 1990, desvendou artifícios retóricos do movimento negacionista, com o objetivo de enfraquecer a confiança do público no consenso estabelecido pela pesquisa científica. No entanto, o que antes era apenas a relativização do conhecimento seguro gerada pelo uso instrumental do rótulo “ciência” para legitimar um produto ou ideia, agora passa a ser um problema mais latente: o ataque deliberado à ciência.



3 AS FERRAMENTAS DO RACIOCÍNIO CIENTÍFICO

A escolha do texto de Sagan como referência para o primeiro encontro do curso teve como foco o exame do que ele chama de “kit de detecção de mentiras” (Sagan, 2006, p. 207). Este kit é composto de duas listas de formas de argumentação.

A primeira possui o que Sagan chama de “ferramentas para o pensamento cético” (Sagan, 2006, p. 207). São procedimentos que conferem rigor e clareza ao raciocínio, e que podem ser usadas para julgar questões de conhecimento dentro e fora da ciência. Trata-se de uma lista do que alguém deveria fazer para reconhecer e montar bons argumentos. Segundo o autor:

O pensamento cético se resume no meio de construir e compreender um argumento racional e – o que é especialmente importante – de reconhecer um argumento falacioso ou fraudulento. A questão não é se gostamos da conclusão que emerge de uma cadeia de raciocínio, mas se a conclusão deriva da premissa ou do ponto de partida e se essa premissa é verdadeira (Sagan, 2006, p. 207).

Ao longo da primeira aula do curso, foi feito o estudo aprofundado dos seguintes procedimentos, presentes no kit de ferramentas de Sagan:

- i. Buscar confirmação independente dos fatos. Consiste em confirmar informações por meio do recurso a mais de uma fonte. Ou seja, jamais deve-se acreditar na primeira notícia ou informação, sem verificar ou confirmar de forma independente.
- ii. Debate substantivo sobre as evidências, com participação de diferentes pontos de vista. Em toda discussão importante, é preciso dar voz a todos os participantes. Em todo assunto que é tratado com um único ponto de vista, a explicação tende a ser incompleta ou até falsa.
- iii. Desconfiar dos argumentos de autoridade. Pessoas com prestígio ou influência tentam persuadir as pessoas de certas ideias ou modos de agir. É preciso questionar o que esses influenciadores dizem, e não acreditar em alguém só pelo status de visibilidade social.
- iv. Considerar mais de uma hipótese. O conhecimento novo é mais confiável quando resulta de um pensamento diversificado. Quem se apega demais a uma ideia e não considera alternativas, tem mais chance de ser enganado.

- 
- v. Deve-se quantificar, ter um critério de medição: explicações vagas e sem um critério de avaliação estão sujeitas a interpretações falsas. Medição, contagem e quantificação são instrumentos fundamentais para o pensamento correto; sem eles, muitas ideias falsas são aceitas, e ideias verdadeiras não são reconhecidas.

Estas ferramentas de raciocínio crítico são essenciais ao procedimento científico, mas também podem servir a qualquer pessoa para a precaução diante de informações polêmicas. A ideia em foco neste texto, assim como no curso, é a promoção de atividades que divulguem e familiarizem as pessoas com esses instrumentos de raciocínio, especialmente para o exercício da cidadania ativa e a defesa contra o discurso persuasivo da desinformação e do negacionismo.

A segunda lista do kit de detecção de mentiras se compõe de formas ardilosas e enganosas de raciocínio, já conhecidas desde a antiguidade como “falácias”. Sagan afirma: “Além de nos ensinar o que fazer na hora de avaliar uma afirmação, qualquer bom kit de detecção de mentiras deve também nos ensinar o que não fazer” (Sagan, 2006, p. 210). As falácias lógicas são essenciais para a persuasão quando é necessário esconder falhas e armadilhas do raciocínio e uma motivação relevante para empregá-las é a “vontade de persuadir um auditório sem ter razões (ou provas) suficientes para o convencer” (Branquinho; Murcho; Gomes, 2005, p. 215). São geralmente classificados como falácias os argumentos com potencial persuasivo que, se examinados mais atentamente, possuem premissas inválidas e malabarismos lógicos. Foram apresentadas, analisadas e exemplificadas algumas das falácias e manobras retóricas mais utilizadas, como as seguintes:

- i. *Ad hominem* e *ad personam*: julgar o mérito de uma explicação por meio de questões sobre a pessoa que apresenta, ignorando as evidências. Em outras palavras, atacar a pessoa e não o argumento.
- ii. Argumento de autoridade: como contraparte do *ad hominem*, visa validar um discurso baseando-se na popularidade e atribuindo uma suposta qualificação de especialista – geralmente citado em uma discussão fora de sua especialidade.
- iii. Confusão de correlação e causa: ocorre quando se atribui uma relação de causa e efeito entre dois eventos, só porque aconteceram



simultaneamente. Exemplo: O galo sempre canta antes do nascer do Sol. Logo, o canto do galo é a causa de o sol nascer. Um caso oferecido como exemplo durante a sessão do curso foi as associações feitas entre a tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul com a existência de terreiros de umbanda no Estado.

- iv. Falácia do espantalho: ocorre na deturpação de uma tese para que seja possível desqualificá-la com maior facilidade ou “quando se atribui uma posição distorcida ao oponente, o que torna mais fácil refutá-la” (Dunning, 2019, p. 1).
- v. Seleção das observações: destacar pontos positivos, omitindo defeitos de uma explicação. Consiste em só apresentar ao ouvinte os aspectos desejáveis de um assunto, visando persuadir, e esconder ou negligenciar qualquer circunstância ou fato que possa gerar desconfiança ou crítica.

Esses exemplos formam uma pequena amostra do conteúdo oferecido que procurou estimular o público a identificar distorções de raciocínios e argumentações enganosas. Entende-se que ações educativas por parte de agências públicas, instituições de ensino e da comunidade científica devem fornecer ao grande público os instrumentos para reconhecer e formular cadeias coerentes de raciocínio, e evitar a contaminação pela retórica falaciosa.

4 A FÓRMULA FLICC

Na segunda aula do minicurso, intitulada “A fórmula reveladora”, a proposta foi apresentar o negacionismo científico nos termos de uma fórmula que sintetiza seus procedimentos mais genéricos e reconhecidos, representando suas principais estratégias persuasivas para, então, refletir sobre formas de combate e prevenção. Conhecida como FLICC, trata-se do acrônimo em inglês para os apelos comuns presentes em argumentos negacionistas: falsos especialistas (*Fake experts*), falácias lógicas (*Logical fallacies*), expectativas impossíveis (*Impossible expectations*), seleção de ideias (*Cherry picking*) e teorias da conspiração (*Conspiracy theories*). A referência principal para este assunto, no curso, foi o artigo *As cinco manobras de negação da ciência* (Dunning, 2019).



O processo de desenvolvimento da fórmula perpassa desde Hoofnagle e Hoofnagle (2007) em sua codificação do negacionismo, com Diethelm e Mckee (2009) ao descrever as manobras negacionistas e indicar como os cientistas devem responder a elas, às contribuições de Cook, Lewandowsky e Ecker (2017) em um teste experimental de inoculação contra a desinformação, com base na FLICC.

Mas o que é negacionismo em si? O negacionismo, aqui, é entendido como a atitude de

desacreditar conhecimentos estabelecidos pelo consenso de especialistas, mediante estratégias de contra argumentação, visando modificar a percepção do público acerca de tais conhecimentos. Aparece em sociedade na forma de uma estratégia de produção e comunicação de discursos, documentos e mensagens (Matos; Santos; Costa, 2023, p. 9).

Com base nessa concepção, a segunda parte do minicurso, portanto, aprofundou a análise das estratégias representadas pela fórmula FLICC, composta de cinco elementos que caracterizam o negacionismo científico que visam enfraquecer a confiança na ciência:

- i. Falsos especialistas (*fake experts*): Apelo a pessoas apresentadas como especialistas em alguma área, mas que emitem enunciados que contradizem o consenso científico sobre determinado tema. O falso especialista pode não dominar o campo em que se pronuncia, valendo-se apenas de popularidade ou identificação.
- ii. Falácias lógicas: Já discutidas acima, são erros de raciocínio que envolvem a violação das regras lógicas, levando a conclusões inválidas ou enganosas. A classificação de "falácia" é reservada aos argumentos que, embora incorretos, podem ser psicologicamente persuasivos (Copi, 1981).
- iii. Expectativas impossíveis: É uma estratégia que induz um padrão inatingível pela pesquisa científica, visando invalidar evidências contrárias a crenças ou interesses específicos.
- iv. Seleção de observações: Prática de citar seletivamente dados que sustentam uma tese, omitindo evidências contraditórias (Diethelm; Mckee, 2009). Inclui uso de estudos isolados contra o consenso científico ou crítica seletiva para invalidar campos inteiros.

- 
- v. Teorias da conspiração: A ideia de que alguém está escondendo ou pervertendo informações relevantes. É uma explicação alternativa para um evento que envolve supostas verdades não reveladas por indivíduos ou grupos ocultos, que teriam o objetivo de manipular ou controlar a opinião pública (Diethelm; Mckee, 2009).

A fórmula, assim, sintetiza os elementos que estão em jogo na estrutura retórica dos discursos negacionistas. Na investigação sobre este assunto, é preciso também levar em consideração outros elementos cognitivos que constituem a discussão pública, como superstições, sobrecarga informacional e catarses afetivas. O negacionismo opera criando cisões na confiança estabelecida com o conhecimento acumulado pela experiência humana.

O que deve ser acentuado é que, assemelhando-se a outras formas de desinformação, como a pós-verdade, o negacionismo é um processo argumentativo. O negacionismo não é apenas uma atitude, é um sistema de discursos que se inter-relacionam, se reforçam mutuamente e pretendem persuadir o público para favorecer interesses políticos, econômicos e ideológicos de seus grupos financiadores.

5 NEGACIONISMO E ATITUDE CÉTICA

O negacionismo entra em campo na disputa das explicações sobre determinado assunto, geralmente promovendo uma tese que toma a posição contrária ao consenso da comunidade científica. Mas seus objetivos envolvem propor ou persuadir as pessoas de alguma ideia de interesse. “Portanto, a faceta da negação é somente a metade do processo negacionista. A outra metade diz respeito a afirmações, e são elas – ao invés das negações – que caracterizam o tipo de negacionismo que temos diante de nós.” (Lemos; Cani, 2023, p. 44). Ou seja, o negacionismo precisa substituir o consenso científico por algo para suprir a demanda por informação – neste caso, explicações de fenômenos e soluções de problemas latentes que, não sendo possível somente ignorar, exigiriam uma interpretação alternativa, descolada de método e evidências.

O negacionismo não é necessariamente um ataque generalizado a todos os ramos da ciência, mas àquelas hipóteses e teorias que implicam algum aspecto político, econômico ou ideológico. Em outras palavras, o negacionismo surge quando há um



consenso concretizado que possibilita que a opinião pública se mobilize em uma direção que esteja afetando algum interesse privado ou determinada visão de mundo. No caso das indústrias do cigarro, quando o consenso científico sobre seus malefícios é efetivado, há um conflito de interesses que motiva a “necessidade” de negação, o uso de estratégias retóricas para desacreditar o consenso científico.

É importante perceber que o negacionismo comumente se vale do ato de questionamento cético característico de algumas correntes filosóficas e, em certa medida, motor da própria ciência. Nesse sentido, sendo a dúvida um dos princípios orientadores da ciência contemporânea, é necessário perceber o emprego cínico destas alusões que dão aparência de um debate legítimo para justificar distorções argumentativas e a disseminação de expectativas impossíveis ao processo científico situado em determinado tempo e espaço. Tais ações pretendem outros fins, ocultos pela retórica negacionista.

Lawrence Torcello (2016, p. 20) sintetiza que o negacionismo científico ocorre “quando a ciência estabelecida é rejeitada por motivos que são independentes da pesquisa e do progresso das ciências”. Ou seja, na ciência, quando há discordância, a posição dos envolvidos é discutir para construir o conhecimento em conjunto, a partir do confronto das proposições divergentes, buscando a explicação que melhor soluciona ou diagnostica um problema. Que tipo de finalidade é alcançada quando há o interesse em nutrir discordância para degenerar esta relação, sem o comprometimento pela construção do conhecimento?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um cenário de renovadas ações de desinformação, que incluem a ideia contemporânea de pós-verdade, é importante considerar que as estratégias negacionistas também visam a modulação da opinião pública, com o emprego de categorias persuasivas que afetam as emoções e exploram a afetividade do público nas redes. Frequentemente se utilizando de dados e pesquisas para o discurso público, os argumentos negacionistas são apresentados em uma situação de falso-equilíbrio em relação à disseminação do conhecimento científico.



Cabe também ressaltar que a retórica e a persuasão, na atual dinâmica das plataformas digitais, são igualmente importantes na comunicação da verdade, principalmente nas ações de divulgação científica e na veiculação da informação confiável. Assim, ambas são ferramentas essenciais para a ciência, no combate à desinformação e ao negacionismo. Como perspectiva argumentativa, se impõe a necessidade da construção de um discurso preocupado não somente com a demonstração, mas com o uso articulado de evidências e demais indutores de persuasão, compreendendo a disposição do público, suas atitudes e concepções prévias à questão, além da capacidade do comunicador em se fazer crível e digno de confiança no processo de conduzir o pensamento.

No contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação, o ensino da lógica como disciplina fundamental promove habilidades que vão além da compreensão relativa à organização e recuperação do conhecimento. A lógica confere ao profissional da informação competências necessárias para lidar com o contexto informacional contemporâneo em sentido amplo, permitindo que seja um agente importante no ecossistema digital e científico.

Dentre esses agentes, destaca-se a pessoa bibliotecária, que dispõe do suporte de uma área que, tradicionalmente, sempre fomentou discussões para promover um ambiente qualificado de informação e o desenvolvimento da ciência e do conhecimento. Nesse sentido, as bibliotecas devem refletir essas ações, assumindo-se enquanto espaços de curadoria de conteúdos confiáveis e de qualidade, contribuindo, assim, para as recentes políticas de integridade da informação.

REFERÊNCIAS

BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; GOMES, N. G. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. Grupo de Economia Digital do G20 alcança consenso inédito sobre promoção da integridade da informação e combate à desinformação. **Portal gov.br**, 22 set. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/09/grupo-de-economia-digital-do-g20-alcanca-consenso-inedito-sobre-promocao-da-integridade-da-informacao-e-combate-a-desinformacao>. Acesso em: 10 dez. 2024.

COOK, J.; LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H. Neutralizing misinformation through inoculation: exposing misleading argumentation techniques reduces their influence.



PLoS ONE, [S.l.], v. 12, n. 5, maio 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0175799>. Acesso em: 10 maio 2025.

COPI, I. M. **Introdução à Lógica**. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

DIETHELM, P.; MCKEE, M. Denialism: what is it and how should scientists respond?. **European Journal of Public Health**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 2-4, jan. 2009. Disponível em: <https://academic.oup.com/eurpub/article/19/1/2/463780>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DUNNING, B. As cinco manobras da negação da ciência. **Revista Questão de Ciência**, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.revistaquestaoeciencia.com.br/artigo/2019/09/19/cinco-manobras-da-negacao-da-ciencia>. Acesso em: 05 abr. 2025.

HOOFNAGLE, M.; HOOFNAGLE, C. J. What is Denialism?. **SSRN**, 30 abr. 2007. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=4002823>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LEMOS, I. L.; CANI, R. C. O negacionismo não é uma forma de ceticismo. **Araripe: Revista de Filosofia, Cariri**, v. 4, n. 1, p. 42-60, 29 ago. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/araripe/article/view/1145>. Acesso em: 10 maio 2025.

MATOS, J. C. M.; SANTOS, W. R. dos; COSTA, A. L. M. Aplicação de conhecimentos da lógica no combate ao negacionismo: possibilidades e desafios no ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/2059>. Acesso em: 14 mar. 2025.

OECD. **Facts not fakes**: tackling disinformation, strengthening information integrity. Paris: OECD Publishing, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/d909ff7a-en>. Acesso em: 04 fev. 2025.

ONU. **Princípios globais das Nações Unidas para a integridade da informação**: recomendações para ação de múltiplas partes interessadas. [S.l.]: ONU, 2024. Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2024-07/ONU_PrincipiosGlobais_IntegridadeDaInformacao_20240624.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORLD ECONOMIC FORUM; ELSNER, M.; ATKINSON, G.; ZAHIDI, S. **The global risks report 2025**. 20 ed. Genebra: World Economic Forum, 2025. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2025/>. Acesso em: 01 fev. 2025.